

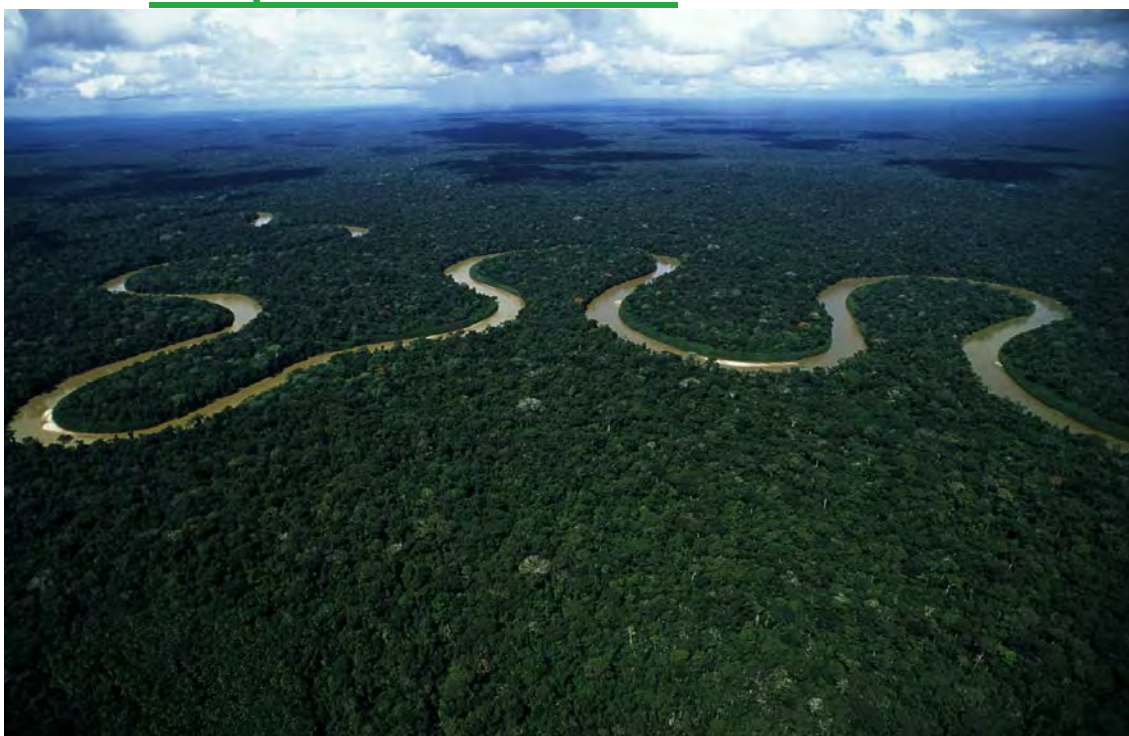
<https://amazoniareal.com.br/o-valor-intrinseco-da-biodiversidade-amazonica-1-reconhecer-o-elefante-na-sala/>



# O valor intrínseco da biodiversidade amazônica: 1 – Reconhecer o “elefante na sala”



Por [Philip Martin Fearnside](#) Publicado em: 02/07/2021 às 12:15



O valor intrínseco da biodiversidade amazônica é a chave para manter os ecossistemas amazônicos com todas as suas funções ambientais, apesar desse aspecto ser comumente ignorado ou minimizado nas discussões científicas e políticas. Embora o papel da floresta amazônica na regulação do clima frequentemente esteja no centro dos argumentos para conter o desmatamento, é a biodiversidade que tem justificado as áreas protegidas existentes na região. A vontade de tomar medidas eficazes para conter a perda florestal deriva em grande parte do valor intrínseco ou existencial dessa diversidade, e não de seu valor utilitário. Isso se aplica tanto a nível nacional em países amazônicos, como o Brasil, quanto a atores internacionais, como governos, empresas, organizações não governamentais e indivíduos.

A situação ambiental em rápida deterioração na Amazônia mostra a inadequação dos argumentos que têm sido usados para justificar ações para

reverter essa deterioração. O valor intrínseco da biodiversidade da Amazônia não deve ser deixado como um “elefante na sala” não mencionado nessas discussões, mas, em vez disso, deve ser abertamente reconhecido como uma questão central.

A biodiversidade amazônica tem valor utilitário por fornecer produtos para consumo humano, como madeira, peixes e compostos para uso farmacêutico [1]. Também fornece serviços ambientais ou “serviços ecossistêmicos de regulação”, tais como o armazenamento de carbono e a reciclagem de água [2, 3]. Mas há outra dimensão para o valor da floresta amazônica: o seu valor intrínseco. Os cientistas geralmente evitam esse aspecto, e, muitas vezes, tenho sido culpado disso, desviando das perguntas dos entrevistadores para falar sobre o papel da floresta no clima global e assim por diante.

A floresta amazônica, de fato, tem valor intrínseco ou de “existência”, incluindo tanto sua biodiversidade quanto o direito à existência das centenas de povos indígenas e outros povos tradicionais que a habitam. O fato de muitas pessoas reconhecerem isso em um nível emocional, independente de se elas também articulem isto ou não em termos intelectuais, é uma das chaves para mudar o curso da história aqui para que a floresta com todas as suas funções continue existindo.

A biodiversidade é frequentemente vista como menos atraente do que a mudança climática como uma motivação para a manutenção da floresta tropical. Mitigar as mudanças climáticas exigirá centenas de bilhões de dólares e, obviamente, há muito mais dinheiro na mesa nas negociações da Convenção do Clima do que nas da Convenção da Biodiversidade. No entanto, a vasta extensão de áreas protegidas criadas no Brasil e em outros países amazônicos tem sido justificada com base na manutenção da biodiversidade, não para evitar as mudanças climáticas. [4]

---

*A imagem deste artigo mostra imagem de área floresta na região amazônica  
(Foto André Bärtschi/WWF)*

---

*Notas:*

[1] Fearnside, P.M. 2003. [Biodiversidade nas florestas Amazônicas brasileiras: Riscos, valores e conservação](#). p. 19-44 In: *A Floresta Amazônica nas Mudanças Globais*. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA, Manaus, AM. 134 p.

[2] Fearnside, P.M. 1997. [Serviços ambientais como estratégia para o desenvolvimento sustentável na Amazônia rural](#). p. 314-344. In: C. Cavalcanti (ed.) *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. Editora Cortez, São Paulo. 436 p.

[3] Fearnside, P.M. 2008. [Amazon forest maintenance as a source of environmental services](#). *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 80: 101-114.

[4] Este texto é uma tradução parcial de: Fearnside, P.M. 2021. [The intrinsic value of Amazon biodiversity](#). *Biodiversity and Conservation* 30: 1199–1202.

#### Sobre a matéria



[Philip Martin Fearnside](#)

É doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que podem ser acessados aqui. <https://philip.inpa.gov.br>

<https://amazoniareal.com.br/o-valor-intrinseco-da-biodiversidade-amazonica-2-mudar-a-argumentacao-para-conservacao/>



## O valor intrínseco da biodiversidade amazônica: 2 – Mudar a argumentação para conservação



Por **Philip Martin Fearnside** Publicado em: 08/07/2021 às 19:36



Impedir que a biodiversidade amazônica seja destruída desperta um enorme interesse em pessoas de outras partes do planeta, como Europa e América do Norte — e no Rio de Janeiro e São Paulo — embora muito poucas dessas pessoas conheçam a floresta amazônica em primeira mão. Assim como as pessoas podem ser altamente motivadas a proteger a icônica vida selvagem africana, como elefantes e gorilas, mesmo que nunca vejam um na natureza, elas podem ser apaixonadas pela floresta amazônica como um ecossistema, mesmo que não possam nomear uma única espécie que vive aqui.

Manter os estoques de carbono na vegetação e no solo na floresta amazônica do Brasil é fundamental para conter o aquecimento global [1, 2]. O discurso sobre por que a floresta amazônica deve ser mantida se concentra em evitar o aquecimento global, mas a mesma paixão não surge para manter intactos outros estoques de carbono, como o petróleo sob as areias dos desertos árabes. Isso reflete o fato de que há mais coisas em jogo na Amazônia do que carbono.

O valor intrínseco da biodiversidade pode ser traduzido em ações para proteger os ecossistemas amazônicos de várias maneiras. O Brasil proíbe causar deliberadamente a extinção de uma espécie, o que resulta em avaliações de impacto ambiental para projetos de desenvolvimento que vão longe para avaliar os impactos potenciais sobre as espécies ameaçadas. No entanto, isso não é necessariamente eficaz na prevenção de extinções.

A barragem de Belo Monte foi construída apesar de saber que ameaçava várias espécies de peixes encontrados apenas na área do reservatório e no trecho do rio de 130 km de onde 80% do fluxo de água foram desviados [3]. Uma dessas espécies é o acarí zebra (*Hypancistrus zebra*), um famoso peixe ornamental que deverá ser extinto na natureza [4]. Ao contrário das outras espécies ameaçadas por Belo Monte, o acarí zebra sobreviverá em aquários ao redor do mundo.

A biodiversidade pode motivar os países amazônicos a tomar medidas como a restrição do desmatamento e a criação de áreas protegidas. O SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) do Brasil é um reflexo disso. Outro exemplo é oferecido por algumas decisões do Brasil sobre o que exportar. Antes de 1965, o Brasil exportava peles de onça, mas suspendeu esse comércio, embora o mundo estivesse mais do que disposto a comprar essa mercadoria.

Pode haver interação entre visões nacionais e internacionais sobre tais decisões, conforme ilustrado pela exportação de mogno do Brasil (*Swietenia* spp.). Em 1996, o Brasil instituiu uma moratória à exportação desta espécie de madeira mais valiosa da Amazônia (e a moratória foi renovada em 1998, 2000, 2002 e 2003, embora com inserção de algumas lacunas). Na reunião de 1997 da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas (CITES), o Brasil se recusou a aceitar qualquer listagem de mogno como ameaçado de extinção [5], mas em 1998 o Brasil listou suas populações de mogno no Anexo III da CITES, que tem o nível mais baixo restrição e, em 2002, acrescentaria o mogno ao mais restritivo Anexo II [6]. Entre 1971 e 2001, as exportações de mogno do Brasil totalizaram US \$ 3,9 bilhões [7]. A moratória brasileira sobre o mogno começou antes de quaisquer restrições da CITES sobre esta espécie, e a participação dos países exportadores e importadores na CITES parece ser amplamente motivada pela preocupação com a extinção de espécies, em vez de maximizar os retornos monetários.

Os países são livres para decidir o que exportarão e o que importarão. Por exemplo, se um país africano deseja exportar marfim de presas de elefante, isso não significa que outros países sejam obrigados a importá-lo. O Brasil não



deve se surpreender se os países colocarem restrições às importações de commodities brasileiras que impulsionam o desmatamento na Amazônia. Os países podem suspender totalmente as importações de commodities amazônicas ou condicionar suas importações à demonstração de que as cadeias de abastecimento não provocam o desmatamento direta ou indiretamente. Evitar o impacto “indireto” no desmatamento é essencial, por exemplo, no caso da soja brasileira plantada em antigas pastagens, o que induz a migração dos fazendeiros que venderam as suas terras, se deslocando para áreas de floresta tropical [8-10].

A preocupação com a biodiversidade amazônica pode motivar países em outras partes do mundo a contribuir financeiramente para os esforços dos governos dos países amazônicos para conter o desmatamento, e essa preocupação pode motivar empresas e cidadãos privados a contribuir para a manutenção da floresta amazônica, tanto financeiramente (por meio de organizações não governamentais) e por meio de seu poder como consumidores. Em suma, o valor intrínseco da biodiversidade amazônica é a chave para manter os ecossistemas amazônicos com todas as suas funções ambientais.

A destruição ambiental na Amazônia atingiu níveis críticos e tanto as forças subjacentes por trás dessa destruição quanto os resultados visíveis, como o desmatamento, estão aumentando rapidamente. Os argumentos usados atualmente para convencer os formuladores de políticas a alterar esse curso são claramente insuficientes. O valor intrínseco da biodiversidade da Amazônia precisa ser reconhecido explicitamente, tanto por aqueles envolvidos diretamente nos debates políticos da Amazônia como pelos muitos outros atores cuja influência afeta as decisões e ações na Amazônia. [11]

---

*A imagem que abre este artigo mostra a chuva acima do rio Mucujai, na Terra Indígena Yanomami (Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real)*

---

#### *Notas*

[1] Barros, H.S. & Fearnside, P.M. 2019. [Soil carbon is decreasing under “undisturbed” Amazonian forest](#). *Soil Science Society of America Journal* 83: 1779-1785.

[2] Fearnside, P.M. 2018. [Brazil’s Amazonian forest carbon: The key to Southern Amazonia’s significance for global climate](#). *Regional Environmental Change* 18: 47-61.

[3] Fitzgerald, D.B., Perez, M.H.S., Sousa, L.M., Gonçalves, A.P., Py-Daniel, L.R., Lujan, N.K., Zuanon, J., Winemiller, K.O. & Lundberg, J.G. 2018. [Diversity and community structure of rapids-dwelling fishes of the Xingu River](#):

[Implications for conservation amid large-scale hydroelectric development.](#) *Biological Conservation* 222: 104-112.

[4] Gonçalves, A.P. 2011. [Ecologia e Etnoecologia de \*Hypancistrus zebra\* \(Siluriformes: Loricariidae\) no Rio Xingu, Amazônia Brasileira.](#) Dissertação de mestrado em ecologia aquática e pesca, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. 133 p.

[5] Fearnside, P.M. 1997. [Protection of mahogany: A catalytic species in the destruction of rain forests in the American tropics.](#) *Environmental Conservation* 24: 303-306.

[6] CITES (Convention on International Trade in Endangered Species). 2020. [Bingleaf mahogany.](#) CITES, Genebra, Suíça.

[7] MMA (Ministério do Meio Ambiente). 2003. [Governo prorroga moratória do mogno.](#) 12 de fevereiro de 2003.

[8] Arima, E.Y., Richard, P., Walker, R. & Caldas, M.M. 2011. [Statistical confirmation of indirect land use change in the Brazilian Amazon.](#) *Environmental Research Letters* 6: art. 024010.

[9] Fearnside, P.M. 2017. [Deforestation of the Brazilian Amazon.](#) *Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science*

[10] Richards, P.D., Walker, R. & Arima, E.Y. 2014. [Spatially complex land change: The indirect effect of Brazil's agricultural sector on land use in Amazonia.](#) *Global Environmental Change* 29: 1-9.

[11] Este texto é uma tradução parcial de: Fearnside, P.M. 2021. [The intrinsic value of Amazon biodiversity.](#) *Biodiversity and Conservation* 30: 1199–1202.

---

**Leia o primeiro texto da série:**

[O valor intrínseco da biodiversidade amazônica: 1 – Reconhecer o “elefante na sala”](#)

Sobre a matéria



**Philip Martin Fearnside**

É doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que podem ser acessados aqui. <https://philip.inpa.gov.br>